

Oito de Março no Cariri: Uma Análise da Repercussão da Marcha das Mulheres na Mídia Caririense¹

Alexia de Mesquita CHAVES²

Laura de Oliveira BRASIL³

Cleide Luciane ANTONIUTTI⁴

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

Resumo

Ao considerarmos o fluxo de representações do discurso midiático, por meio dos seus processos de produção de sentido, no presente artigo iremos analisar como a mídia local do Cariri cearense abordou a Marcha das Mulheres de Crato/CE, que ocorreu em oito de março de 2018. Para isso utilizaremos três produções jornalísticas onde o acontecimento foi narrado, sendo eles, o Jornal do Cariri (impresso), a Cariri Revista (online), e a Verdes Mares Cariri (televisão), afiliada à Rede Globo. O estudo tem como objetivo verificar como foram reproduzidos momentos da Marcha a partir da abordagem utilizada. A metodologia usada foi a descritiva, com o intuito de analisar a abordagem de cada material jornalístico.

Palavras-chave: Marcha; mulheres; mídia; Cariri.

Introdução

A mídia local carrega grande responsabilidade para com a população que a cerca, por manter uma relação de proximidade e ser referência como emissora de informações dos variados assuntos que rondam a sociedade da região.

Os movimentos sociais vêm ganhando cada vez mais espaço na imprensa. A luta das mulheres através do feminismo, assunto abordado nessa análise, está presente nos mais variados espaços de mídias, sejam elas alternativas ou tradicionais.

Desde o ano de 2015, diversos veículos brasileiros de comunicação vêm dando destaque ao movimento feminista. O jornal *El País*, por exemplo, chegou a indicar no editorial⁵ do dia 13 de novembro daquele ano, a existência de uma “primavera feminista” no Brasil, em alusão à Primavera Árabe.

Paralelamente, acontecimentos que marcaram o período, como os comentários de cunhos machista e pedófilo direcionados à participante Valentina Schulz, de 12 anos,

¹Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

²Estudante do 3.º semestre de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA); alexiamesq@gmail.com

³Estudante do 3.º semestre de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA); lauraobrasil@gmail.com

⁴Orientadora do artigo. Doutora em Ciência da Informação pelo IBICT/ECO/Universidade Federal do Rio de Janeiro, professora adjunta do Curso de Jornalismo na Universidade Federal do Cariri (UFCA), disciplina de audiovisual; luciane.antonutti@ufca.edu.br

⁵Informação colhida em 22 de maio de 2018 no site do jornal *El País*. Link: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533_406426.html

do programa *Masterchef Júnior*, exibido pela Rede Bandeirantes, foram o estopim para a criação de campanhas online⁶, através das redes sociais Facebook e Twitter, para que mulheres denunciasses situações de abuso e assédio pelas quais já passaram.

A nível regional, as mulheres do Cariri também intensificaram suas articulações, ao organizar, através de entidades e coletivos, marchas anuais em defesa dos seus direitos e contra o machismo. Em consequência disso, a mídia local, que conta com duas emissoras de televisão, além de jornais e revistas de circulação impressa e digital, teve de abrir espaço para pautar esses acontecimentos.

Mídia e movimentos sociais

Nas últimas décadas, os chamados novos movimentos sociais, como o feminismo e o movimento ecológico, têm avançado significativamente graças ao surgimento de novas tecnologias e mídias. A força da comunicação é de extrema importância, pois a palavra é alicerce para a ação social. Em sua obra, Castells (2013) analisa a importância da palavra para os movimentos sociais, principalmente no que concerne aos meios de propagação utilizados por eles.

Os movimentos sociais exercem o contra poder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. (CASTELLS, 2013, p.18).

Arato e Cohen (1992) dividem em classificações os diferentes sentidos em que o termo “movimento social” é utilizado. Na primeira delas, o termo é usado de forma pejorativa, utilizando-se da percepção dos que não entendem o poder de mudança do movimento ou seus motivos. Já na segunda classificação, há a ideia do movimento social como ato racional, exercendo influência sobre o processo político.

Nesse contexto, é possível destacar a luta feminina dentro dos movimentos sociais. Ganhando força no século XIX, o feminismo é agente de transformação no papel da mulher perante a sociedade. Desde então, podemos defini-lo como um movimento social e político, que luta pelo empoderamento feminino, nos âmbitos

⁶A campanha #PrimeiroAssédio foi criada pela ONG feminista *Think Olga*, em apoio à participante do reality show da Bandeirantes, *Masterchef Júnior*.

sociais, econômicos e sexuais, e pela igualdade de gênero. No entanto, é fato que essas questões apoiadas são constantemente ofuscadas ou distorcidas, principalmente quando se debate os princípios da ideologia. Dessa forma, simulando “modelos” atuantes na sociedade, os meios de comunicação criam uma realidade muitas vezes deturpada, que constrói opiniões e comportamentos, sem que haja oportunidades para questioná-los diretamente com o produtor (SODRÉ, 2001, p. 49). Por isso, torna-se relevante a análise minuciosa dos materiais jornalísticos.

A Marcha das Mulheres no Cariri

No Brasil, a onda de manifestações de 2013 estendeu-se até o ano de 2015 e, aliada aos acontecimentos da conjuntura política nacional do período, as mulheres foram às ruas por e para elas. Em outubro daquele ano, cerca de 15 mil mulheres ocuparam as ruas de grandes cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, em oposição ao Projeto de Lei 5069/13, do então deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ), que tramitava na Câmara. O projeto ameaçava direitos básicos de saúde da mulher, como o de abortar em casos de estupro e o acesso à pílula do dia seguinte em postos de saúde.

No Cariri, a tradição de organizar mulheres em marcha vêm desde 2012, com a Marcha das Vadias, que se dissolveu para dar origem à Frente de Mulheres dos Movimentos do Cariri. Já em março de 2015, surgiu a Marcha das Mulheres Negras, organizada pelos movimentos negros da região, como o Grupo de Valorização Negra do Cariri (Grunec) e o Pretas Simoas - Grupo de Mulheres Negras do Cariri, a fim de atender questões anteriormente não contempladas, por dizerem respeito à identidade da mulher negra. Desde então, as mulheres caririenses marcham anualmente.

Figura 1 – Imagem da Marcha das Mulheres nas ruas do Centro de Crato/CE.



Fonte: Cariri Revista/Alana Soares.

Figura 2 – Mulheres ocupam interior da Agência da Previdência Social de Crato/CE.



Fonte: Cariri Revista/Alana Soares.

No dia 8 de março de 2018, ocorreu em Crato (CE) a Marcha das Mulheres do Cariri. Com o tema “O poder das mulheres contra as reformas e todas as formas de violência”, mulheres de todas as idades e classes sociais reuniram-se em frente à Prefeitura Municipal para dar início à caminhada, que percorreu ruas do centro da cidade (**Figura 1**) e se encerrou com a ocupação da sede do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) da cidade (**Figura 2**).

Ainda durante a concentração, chamava a atenção a presença de agricultoras rurais (**Figura 3**) e aposentadas. Estas, carregavam cartazes relacionando a luta feminista com a luta pró agricultura familiar e reivindicavam contra as reformas previdenciária e trabalhista.

Figura 3 – Mulheres agricultoras marcam presença na Marcha.



Fonte: Cariri Revista/Alana Soares.

Metodologia

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e é resultado de uma análise de cunho descritivo comparativo. As produções jornalísticas serão descritas, com o intuito de o leitor reconhecer a principal abordagem dada pelo veículo de mídia, seguindo a linha de raciocínio de Mariani (1999, p. 108), que diz, “os sentidos das palavras podem mudar conforme a situação em que são usadas e conforme o lugar social ocupado pelo sujeito que fala”.

A respeito do corpus de trabalho, a seleção e organização se dá pelo recorte (ORLANDI, 1989). Segundo Orlandi (1989, p. 36), o recorte refere-se a uma unidade discursiva de fragmentos correlacionados de ocorrência e linguagem. Para esta autora, o texto é um conjunto de recortes discursivos que se cruzam, mas também se dispersam.

Recorte é um fragmento do meio discursivo e a análise explorada se dá pelas passagens extraídas do corpus, dependendo dos intuitos da pesquisa. Nesse artigo, o recorte se faz em cima da forma de como o evento foi repercutido nos meios de comunicação, levando em conta que estes estão inseridos em oligopólios midiáticos regionais, que servem a bases políticas e ideológicas. Além disso,

O acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível. (CHARAUDEAU, 2007, p. 95).

Para chegar na análise, foram selecionadas três notícias sobre o acontecimento, de veículos jornalísticos da região, com tipos diferentes de transmissão (online, televisivo e impresso). A seleção foi feita priorizando o grau de relevância dos jornais entre o público caririense. Após a seleção, as produções foram analisadas, atentando para fatores de texto, linguagem, fotografias e tamanho (espaço) da notícia.

A Cariri Revista, apesar de ter se consolidado como principal impresso cultural da região, atualmente migrou para o meio online. Estudiosos (RECUERO, 2009, 2012; MACHADO, 2008; ZAGO, 2011) afirmam que tal migração em toda a aldeia jornalística aconteceu como uma estratégia para alcançar novos públicos e dar mais visibilidade às notícias. Outros motivos abrangem razões econômicas (PEREIRA, 2003), avanço da tecnologia (REGES, 2013) e maior alcance do público jovem (NOGUEIRA-VIVO, 2010 apud MASSUCHIN; CARVALHO, 2016).

A revista online, por sua vez, leva vantagem também por conta do timing da notícia, publicada ainda no dia oito de março. Assim, o conteúdo oferecido tem um certo ineditismo e, conseqüentemente, será acessada mais e primeiramente por internautas interessados nos assuntos do dia.

A TV Verdes Mares Cariri também leva vantagem pelo timing, visto que o VT foi exibido no telejornal do meio-dia “CETV 1.^a edição”, ou seja, logo após a marcha, que ocorreu pela manhã. Entretanto, a matéria produzida para televisão é mais curta e, por isso, o produto online ainda assim leva vantagem.

O Jornal do Cariri, impresso de mais relevância da região, tem sede na cidade de Juazeiro do Norte/CE e periodicidade semanal. Dessa forma, sua matéria sobre a Marcha das Mulheres só entrou em circulação no dia 13 de março, ou seja, perdendo seu teor de noticiabilidade factual.

Análise na mídia caririense

As três matérias analisadas sobre a Marcha são de veículos locais reconhecidos na região do Cariri cearense, por isso, quem o enuncia carrega, ainda, relações de confiança e proximidade com os receptores. Sobre esse ponto, Cicilia M. Krohling Peruzzo diz,

Na prática, o jornalismo local vem revelando algumas tendências. Os laços políticos locais tendem a ser fortes e a comprometer a informação de qualidade. É comum a existência de tratamento tendencioso da informação e até a omissão de

fatos, em decorrência de ligações políticas com os detentores do poder local e dos interesses econômicos de donos da mídia. (PERUZZO, 2005,p. 78).

Logo, nota-se a importância da análise de um evento de cunho sociopolítico, que parte de um movimento social como as frentes de mulheres e o feminismo. José Maria de Paiva (1999, p. 60-67) ressalta que, os eventos culturais e sua construção não são fatores estáticos, sendo assim os meios de difusão da comunicação devem apresentar as manifestações políticas e artísticas regionais para que dessa forma possa informar a população acerca dos movimentos locais.

Na Cariri Revista, a reportagem é escrita por Alana Soares, e traz dezoito fotografias retratando momentos da marcha, onde seus participantes – de diversos movimentos, classes e idades – carregam faixas que exigiam, principalmente, o fim da violência contra a mulher e a conscientização política, além de mostrar, claramente, alguns dos grupos participantes, como a comunidade LGBTQBT+, militantes do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), mulheres agricultoras e forças sindicais.

A matéria destacava, logo no título, a predominância de mulheres da terceira idade no ato: “Mulheres idosas se destacam na Marcha do Dia Internacional das Mulheres em Crato”. E continua, no trecho:

o destaque da Marcha deste 8 de março vai para a participação das senhoras idosas que deixaram seus lares cedo da manhã para exigirem seus direitos na rua. Entre elas, pelo menos 20 agricultoras rurais vieram da Ponta da Serra, Monte Alverne, Dom Quintino, Santa Fé e Assentamento 10 de Abril para participar da caminhada. (SOARES, 2018).

Para fortalecer sua síntese, a repórter entrevista duas agricultoras aposentadas, Maria Zilma Correia Moura, 83, e Rosa Oliveira, 90. A primeira afirma, em um trecho, “Eu passo na rua chamando. Eu digo ‘venha, hoje é nosso dia, precisamos lutar’ até convencer”, ressaltando sua constante participação nos movimentos e força de mobilizar outras mulheres. Já na fala de Rosa Oliveira, é declarado que a idosa, apesar de trabalhar toda sua vida em plantações na roça, não conseguiu aposentadoria pelos anos de trabalho informal. “Ela diz ser contra a reforma da previdência”, com essa passagem, aproveita-se então o gancho para uma das questões pautadas pela manifestação, a Reforma da Previdência, proposta pelo governo do presidente Michel Temer.

O texto começa com uma visão rápida e geral da Marcha das Mulheres por localidades do mundo, e fala também, brevemente, sobre o percurso feito pelos participantes em Crato. Foram destacadas as reivindicações, a quantidade de pessoas e quais grupos compunham a multidão, além da movimentação final na sede da Previdência Social. No desfecho da notícia, foram colocados números de serviços que asseguram a integridade da mulher.

Figura 4 – Capa da edição 2839 do Jornal do Cariri.



Fonte: Jornal do Cariri.

No número 2839 do periódico impresso semanal Jornal do Cariri, publicado na semana do dia 13 a 19 de março de 2018, a Marcha das Mulheres do Crato ocupa uma das principais manchetes da capa (Figura 4), e mais uma vez, a fotografia retrata a participação de mulheres agricultoras, ainda que essa informação não esteja explícita na legenda da foto. Com o título “Mulheres se unem contra a violência e o machismo”, a reportagem de Joaquim Júnior fica na sessão “metropolitana”.

O texto introdutório da capa traz dados e registros sobre violências contra a mulher no Brasil, além de listar alguns dos ideais pregados na Marcha, como o repúdio ao machismo e às políticas conservadoras.

A matéria tem dados da Delegacia da Mulher dos municípios de Crato e Juazeiro do Norte, como forma de contextualizar os motivos por trás da Marcha – em Juazeiro, foram contabilizados mais de 300 casos de violência entre janeiro e fevereiro de 2018 –, além de divulgar programações realizadas em prol da luta das mulheres no mês de março no Cariri, como recitais de poesia e seminários.

Verônica Isidório, organizadora da marcha e integrante do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher Cratense e da Frente de Mulheres do Cariri, é a entrevistada. Em sua fala, ela ressalta a importância das mulheres agricultoras estarem nas ruas no 8 de março.

As reformas impactam absurdamente a vida das mulheres, em especial as empregadas domésticas (92% desse setor é ocupado por mulheres negras), as mulheres rurais e as urbanas locadas em empregos com características de semiescavidão. (ISIDÓRIO, 2018, p. 6).

Ela ainda relembra os recentes casos de feminicídio e atentado à vida de mulheres da região, os quais não foram solucionados, enfatizando que o Conselho e a Frente têm o papel de atuar nessas situações.

O desfecho da notícia se dá com uma fala da professora sobre a importância das famílias se atentarem a não reproduzir o machismo velado na sociedade, e, assim, não estabelecer uma cultura que normaliza a desigualdade de gênero; além disso, ela afirma a importância do poder público na criação de medidas para educar-se hábitos e crenças machistas, formando seres com ideais de igualdade, principalmente quando esses não têm base familiar.

Já o VT da emissora Verdes Mares Cariri, principal TV regional e afiliada da Rede Globo, consiste em 53 segundos de duração e é antecedido pela rápida introdução do apresentador, que fala sobre o dia das mulheres ter sido marcado por uma manifestação na cidade de Crato. Assim, de início, o narrador informa o local onde a Marcha teve seu fim, a sede do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) da cidade, seguido por informar algumas das questões reivindicadas no dia. O produto audiovisual é repleto de imagens da multidão no INSS e possui entrevistas feitas também com

Verônica Isidório e uma das agricultoras presentes, Maria Ana da Silva. No final, é relatado que, pelo menos, quinhentas mulheres estavam presentes na Marcha.

Considerações finais

A Marcha das Mulheres do dia oito de março de 2018 no Cariri foi um evento marcante, principalmente por conta da presença de mulheres agricultoras e aposentadas reivindicando direitos e afirmando-se feministas. Como mulher e participante ativa da Marcha, classificamos que a publicação da Cariri Revista foi a que mais se aproximou da realidade. A repórter Alana Soares retratou, através do texto e das imagens, o que mais chamou atenção: as agricultoras. Ela deu espaço para as vozes dessas mulheres, e não apenas as citou. Entretanto, ainda não foi a cobertura que o momento merecia, pois deixou de fora outras observações, como a ocupação da sede da Previdência Social e as faixas, que protestavam contra casos de feminicídio da região.

No caso da matéria do impresso Jornal do Cariri, o título “Mulheres se unem contra a violência e o machismo” causa incômodo por trazer uma visão superficial sobre o momento. Apesar da fotografia mostrar uma mulher idosa marchando, o discurso enunciado não explicita esse fato.

Diante das matérias analisadas e as transformações no cenário midiático dos últimos anos, nota-se que a linha editorial de cada jornal, mesmo com suas particularidades, demonstra intenção de contemplar os mais variados temas do cotidiano da sociedade em que está inserido, nesse caso, o Cariri.

Entretanto, quando se fala de movimentos sociais, o espaço para essa temática ainda é pequeno, visto que, ao se falar em direitos humanos, questões de gênero e suas similaridades, também se está falando de conscientizar a sociedade, além de promover debates sobre o que políticas públicas governamentais ainda não resolvem. A grande mídia, por sua vez, ainda está presa a amarras políticas e ideológicas, que não lhes dão liberdade para tratar sobre isso de forma absoluta.

Dessa forma, muitas vezes a imprensa é vista como vilã, que distorce a realidade dos fatos, e em outras, como uma aliada inquestionável (SODRÉ, 2001). No entanto, esses posicionamentos são errôneos e extremistas, dificultando a aliança entre mídia e movimentos sociais. Consequentemente, o ativismo corre o risco de prender-se aos meios alternativos de difusão, presentes em sua maioria no ambiente digital, e não alcançar o público que ainda tem a mídia de massa como principal meio de informação.

Referências

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança** – Movimentos sociais na era da internet. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; CORREIA, Tradução Angela S. M. **Discurso das Mídias**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 285.

COHEN, Jean; ARATO, Andrew. Politics and the Reconstruction of the Concept of Civil Society. **Cultural-political interventions in the unfinished project of enlightenment**, p. 120-142, 1992.

ISIDÓRIO, Verônica. Movimento de mulheres pede o fim da violência. **Jornal do Cariri**, Juazeiro do Norte, 13 mar. 2018. Caderno Metropolitana, p. 6.

MACHADO, E. **Sistemas de Circulação no Ciberjornalismo**. ECO-PÓS, v. 11, n. 2, p. 21-37, 2008. MARIANI, B. **O PCB e a imprensa; o imaginário sobre os comunistas nos jornais**. Rio de Janeiro, Campinas: Revan & Ed. UNICAMP, 1998.

MASSUCHIN, M. G; CARVALHO, F. C. **Conteúdo jornalístico nas redes sociais: as estratégias dos jornais brasileiros o facebook**. Textual & Visual Media 9, p. 155-176, 2016. ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Vozes e contrastes: Discurso na Cidade e no Campo**. São Paulo: Cortez, 1989.

PAIVA, J. M. **Educação e cultura: a sociedade brasileira nos séculos XVI e XVII**. Comunicações, Piracicaba, v. 6, n. 2, p. 60-67, 1999.

PEREIRA, F. H. **O jornalista on-line: um novo status profissional?** In: BOCC. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2003.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, a. 26, n. 43, p. 67-84.

REGES. T. L. R. **Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais**. In: BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2010.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre, Sulina, 2009.

RECUERO, R. **O capital social em rede: Como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social**. Contemporanea, v. 10, n. 03, p. 597-617, 2012.

SOARES, Alana. Mulheres idosas se destacam na Marcha do Dia Internacional das Mulheres em Crato. **Cariri Revista**, Juazeiro do Norte, 8 mar. 2018. Disponível em: <http://caririrevista.com.br/mulheres-idosas-se-destacam-na-marcha-do-diainternacional-das-mulheres-em-crato/> Acesso em: 30 abr. 2018.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ZAGO, G. S.; BASTOS, M. T. **Visibilidade de Notícias no Twitter e no Facebook: Análise comparativa das notícias mais repercutidas na Europa e nas Américas**. Brazilian Journalism Research, v. 9, n. 1, 2013.